

**MADALENA OLIVEIRA & SILVINO LOPES ÉVORA**

madalena.oliveira@ics.uminho.pt; silvevora@hotmail.com

**CECS, UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL;  
UNIVERSIDADE DE CABO VERDE, CABO VERDE**

## NÓS E LAÇOS

Embora definitivamente vinculada ao ciberespaço, graças ao modo articulado como funciona a internet, a palavra rede será também muito oportuna para definir o projeto de construção de uma comunidade cultural e científica lusófona. Se a rede pode ser o que aprisiona ou captura, no universo vocabular da atividade da pesca, por exemplo, ou o que separa e circunscreve, quando vista como sinónimo de vedação, no universo das comunicações significa acima de tudo ligação. Entendida neste sentido como uma espécie de malha, de entrelaçado, de pontos de conexão, a rede é, então, o conceito que nos convém para falar das geografias que, apesar de dispersas no mapa mundial, se interconectam pela expressão de uma língua comum e por vínculos históricos de ordem política e cultural. É precisamente na alusão à metáfora da rede que, ao introduzir o livro *Lusofonia e interculturalidade – promessa e travessia*, Moisés de Lemos Martins contraria a ideia de centralidade portuguesa e a suspeita de uma “visão neocolonial na relação entre os povos” que têm o Português como idioma oficial. Diz o investigador que a lusofonia “tem a virtude do heterogéneo e a sedução de uma rede tecida de fios de muitas cores e texturas, uma rede capaz de resistir à redução do diverso a uma unidade artificial” (Martins, 2015, p. 10).

Por muitas razões que se prendem com o doloroso movimento de descolonização, mas também com o demorado processo de desenvolvimento dos países africanos de expressão portuguesa, a construção do espaço lusófono como espaço de interculturalidades está relativamente longe de ser um fenómeno espontâneo. Não faltando, no entanto, motivações que justifiquem, de todos os lados, a sua viabilização, a lusofonia como projeto que excede a condição ou qualidade de falar Português continua talvez a ser um desejo mais idealizado do que concretizado. Ainda que a

muitos níveis se tenha vulgarizado a utilização do termo, para falar precisamente de espaço lusófono ou de música lusófona, por exemplo, a verdade é que, enquanto ideia de comunidade de partilha e de cooperação, de interseção de identidades e de conjugação cultural, a lusofonia é um diagrama em configuração. Exige aproximações progressivas, que não se restringem à preservação de valores e similitudes, mas obrigam também a “pensar na congregação das diferenças” (Évora, 2014, p. 11).

O chamado espaço lusófono é, efetivamente, um espaço de diversidade, o que significa, por consequência, a assunção de que afinal somos diferentes. Não há, no entanto, nenhuma incompatibilidade de princípio entre o reconhecimento da diferença e a aspiração à ideia de comunidade. Embora radique na palavra comum, que remete, por sua vez, para a noção de semelhança, a comunidade faz-se das dinâmicas de interação, da solidariedade nas assimetrias e da mútua aceitação de uma espécie de interdependência. Sendo certo que a comunidade supõe algum modo de confluência ou convergência, a verdade é que também é na observação das diferenças que aprendemos a conhecer o outro; e conhecê-lo pode ser o modo de o acolher. Como lembravam, em 2004, Regina Brito e Neusa Bastos, num capítulo do livro *Comunicação e lusofonia*, o conceito de lusofonia pode ser formulado na base de três princípios: o da globalização, o da diversificação e o da relativização (Brito & Bastos, 2004, pp. 73-73). Se o primeiro sugere integração, entendida muitas vezes como conformação à unidade, o segundo e o terceiro confirmam a necessidade de reconhecer as idiossincrasias de cada membro de um organismo que só por artifício se poderia julgar simétrico.

Tanto no domínio político como no domínio cultural, a lusofonia continua a ser um desafio. Por um lado, porque não estão ainda diluídos os discursos de desconfiança ou de descrença nas virtualidades da sua afirmação como via de salvaguarda de cruzamentos identitários. Por outro, porque a mobilização para essa ideia de comunidade exige uma predisposição para o encontro que se depara ainda com muitas dificuldades de âmbito pragmático. O domínio académico padece, além disso, do profundo abismo que separa as realidades de Portugal, da Galiza e do Brasil das realidades da generalidade dos países africanos de língua portuguesa. Na Guiné-Bissau, em Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique, o estágio de desenvolvimento universitário não permite ainda perspetivar uma reciprocidade efetiva em termos de circulação de produção científica.

As tecnologias da informação, a propagação da internet e, de um modo geral, os sistemas de informação digitalizada constituem, no entanto,

uma nova esperança, eventualmente ainda pouco explorada. Investigadores e professores, do campo da Comunicação especialmente, mas não só, têm neste ponto uma responsabilidade acrescida de fortalecer a tal rede que também aqui poderia rimar com o sonho da lusofonia. Não obstante algumas dificuldades que persistem nalguns países em relação à experiência da cibercultura, as potencialidades da comunicação à distância oferecem uma nova oportunidade de aproximação também do ponto de vista científico. Não dispensarão em absoluto o encontro físico, mas poderão eventualmente fortalecer as condições para a sua concretização mais frequente.

Não foi, pois, por acaso, que o “XII Congresso da Lusocom” – que se articulou com o “III Congresso da Mediacom” – juntou a ideia de cibercultura à de cooperação. Com o propósito de propor uma discussão em torno das oportunidades e dos constrangimentos que a cultura mediática contemporânea oferece à expansão da lusofonia, o encontro que se documenta neste livro sugeriu, na definição deste tema, a necessidade de inscrever a lusofonia no contexto mais vasto da cultura cibernética. Foi este o mote que reuniu na Cidade da Praia, na Universidade de Cabo Verde, de 19 a 21 de outubro de 2016, mais de 150 investigadores do Brasil, de Portugal, da Galiza, de Moçambique, da Guiné-Bissau e de Cabo Verde.

Realizando-se pela segunda vez em África, o congresso da Lusocom – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação – registou um total de 226 submissões, distribuídas por 16 grupos temáticos. O programa final integrou 118 comunicações, divididas em 27 sessões. Este livro reúne apenas uma parte desse trabalho, que excedeu em larga medida a memória que dele fica nas páginas que se seguem. Os textos integrais submetidos pelos autores não foram sujeitos a revisão de pares (apenas os resumos haviam sido previamente avaliados). Por isso, não obstante o trabalho de edição que visou essencialmente uniformizar questões estilísticas, obriga esta obra a uma advertência ao leitor: que possa ser lida como o produto de um evento cujos debates não apagaram eventuais falhas teóricas e epistemológicas dos trabalhos apresentados.

Os livros de atas são, no atual panorama científico, de algum modo desvalorizados enquanto produção científica em benefício de publicações periódicas mais consideradas nos currículos académicos. Por isso, este é, em particular, um livro devedor da generosidade dos autores que aceitaram partilhar desta forma o trabalho de investigação que desenvolvem. Tão modesto quanto a própria Lusocom, que persegue, com inúmeras dificuldades, o objetivo de criar condições para que nos países e comunidades de expressão portuguesa haja desenvolvimento de estudos das ciências

e políticas da comunicação no espaço lusófono, este volume resume, no entanto, mais um esforço de cumprimento da missão a que se propõe a federação. Que possa, pois, ser acolhido como mais um nó da rede que aperta os laços de afeição próprios de quem se sente afinal próximo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brito, R. & Bastos, N. (2004). Dimensão semântica e perspectivas do real: comentários em torno do conceito de lusofonia. In M. L. Martins, H. Sousa, & R. Cabecinhas (Eds.), *Comunicação e Lusofonia* (pp. 65-77). Porto: Campo das Letras.
- Évora, S. L. (2014). Outras cartografias no espaço lusófono. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 2014, 11-15.
- Martins, M. L. (2015). Introdução. Lusofonias - reinvenção de comunidades e combate linguístico-cultural. In M. L. Martins (Ed.), *Lusofonia e interculturalidade – promessa e travessia* (pp. 7-23). Ribeirão: Húmus.

Citação:

Oliveira, M. & Évora, S. L. (2018). Nós e laços. In M. Oliveira & S. L. Évora (Eds.), *Livro de atas do XII Congresso da Lusocom – Cibercultura, regulação mediática e cooperação* (pp. 7-10). Braga: CECS.